



UMA BREVE INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE PÓS- MODERNIDADE

A BRIEF INTRODUCTION TO THE CONCEPT OF POST- MODERNITY

José Romildo Santos Mendes¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo possibilitar a reflexão sobre o conceito de pós-modernidade, a partir de uma percepção das mudanças sociais e culturais que aconteceram em meados do século XX, mais precisamente a revolução tecnológica nos meios de informação e de comunicação. Para tanto, tem-se como referencial teórico principal a obra de David Lyon: *Pós-Modernidade*; nesta o autor parte da ideia de providência, na qual Deus é o Pai providente. Contudo, na modernidade, essa ideia perde seu significado, uma vez que esta época vê fracassar o projeto do Iluminismo: expressão máxima da ideia de progresso, que acreditava em uma humanidade iluminada pela razão. Esse é o motivo dos indivíduos pós-modernos rejeitarem todo e qualquer fundamento, já que o progresso que conduziria a humanidade à sua emancipação, na verdade o conduziu à morte. Nesse contexto apresentado, alguns conceitos serão fundamentais para o entendimento sobre o período abordado, como o niilismo e o consumismo. Assim, para Lyon, este último é o imperativo básico da pós-modernidade, o que significa que a análise da cultura de consumo é a condição de possibilidade de compreensão do fenômeno pós-moderno.

Palavras-Chave: Tecnologia. Comunicação. Consumismo.

ABSTRACT

This article aims to make possible the reflection on the concept of postmodernity, from a perception of the social and cultural changes that happened in the middle of the twentieth century, more precisely the technological revolution in the means of information and communication. For that, we have as main theoretical reference the work of David Lyon: *Post-Modernity*; in this the author starts from the idea of providence, in which God is the provident Father. However, in modernity, this idea loses its meaning, since this era sees the project of the Enlightenment fail: the maximum expression of the idea of progress, which believed in a humanity enlightened

¹ Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: mendesantosromildo@gmail.com.

by reason. This is the motive of postmodern individuals to reject every foundation, since the progress that would lead humanity to its emancipation actually led to death. In this context, some concepts will be fundamental for understanding the period covered, such as nihilism and consumerism. Thus, for Lyon, the latter is the basic imperative of postmodernity, which means that the analysis of consumer culture is the condition of possibility of understanding the postmodern phenomenon.

Keywords: Technology. Communication. Consumerism.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo elaborar uma introdução ao conceito de pós-modernidade, evidenciando alguns aspectos da sociedade em processo de vertiginosas mudanças e chamando a atenção para problemas que dizem respeito a toda humanidade. Para empreender esta análise é necessário primeiramente uma tomada de consciência, acompanhada do desejo de mudança.

O fenômeno pós-moderno, mais do que uma realidade para além da modernidade é um conceito que faz perceber mudanças sociais e culturais que aconteceram na segunda metade do século XX e que favoreceram à cultura de consumo. Tema básico no debate pós-moderno, uma vez que o consumismo é condição de possibilidade para se compreender o fenômeno pós-moderno, principalmente na perspectiva de David Lyon.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia bibliográfica, tendo como obra principal: *Pós-Modernidade*, de David Lyon e como referencial teórico secundário, as seguintes obras: *Condição Pós-Moderna*, de David Harvey; *Ética Social: o que é, como se faz*, de Enrico Chiavacci; *Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade*, de Italo Gastaldi; *História da Filosofia*, de Giovanni Reale; *Para Filosofar*, de Hryniewicz e *Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica*, de Battista Mondin.

Para atingirmos os objetivos propostos, o artigo está organizado em dois tópicos principais.

O primeiro consiste em apresentar as três grandes ideias da cultura ocidental utilizadas pelo autor, a saber: Providência, Progresso e Nihilismo, afim de que nos situemos no fenômeno pós-moderno concretamente.

No segundo tópico, examinaremos o consumismo como condição de possibilidade para a compreensão do fenômeno pós-moderno, o tema principal desse debate. Considerar-se-á, então, a realidade pós-industrial, que tem como característica a utilização da informática no setor de produção. Nesse contexto as máquinas, que na Revolução Industrial eram movidas pela força muscular, o são agora através da inteligência artificial. Também mudaram os cenários urbanos, pois esses são invadidos pelas lojas e pelos centros de lazer para satisfazer as necessidades do consumidor. Assim, inaugura-se a cultura de consumo, com um consumismo que ultrapassa os limites do mercado, afetando sobretudo a religião, o conhecimento e os relacionamentos humanos.

Tal consumismo não subsiste por si mesmo, mas se fundamenta a partir de estratégias que manipulam os consumidores, afim de que a sociedade consumista seja uma realidade cada vez mais consolidada. Por isso, Lyon aponta para a importância da análise dessa temática e faz uma reflexão do que ele denomina de sintomas do pós-modernismo na cultura do consumidor, que consiste na produção de desejos. Os principais instrumentos para tal produção são a mídia, principalmente a televisiva e a própria cidade, como espaço privilegiado para a prática do consumo.

2 “Pós-Modernidade: a história de uma ideia” (LYON, 1998, p. 13)

A história dessa ideia se deu com a confluência de um grande número de ideias ocidentais o que, de acordo com Lyon, tem seu limiar com a ideia de providência, que na modernidade é substituída pela ideia de progresso, somente daí passando para o niilismo (Cf. LYON, 1998, p. 14). Portanto, se faz necessário retroceder no tempo e na história a partir da ideia de providencia até chegar à ideia que mais se assemelha à pós-modernidade: o conceito de niilismo.

2.1 Providência

Segundo Mondin, a providência é uma verdade basilar da revelação bíblica, e por isso tornou-se logicamente um tema constante da filosofia cristã, o que aos poucos foi lhe dando um perfil racional de indubitável valor. Os primeiros a se ocuparem da providência foram os padres da Igreja, sobretudo Clemente, Orígenes, Gregório de

Nissa e Agostinho; logo depois, os grandes expoentes da escolástica: Bernardo, Alberto Magno e Tomás de Aquino. Todavia, não somente pensadores medievais analisaram tal conceito, mas também pensadores modernos como: Leibniz, Molina, Rosmini entre outros (Cf. MONDIN, 1997, p. 366-367).

Para Santo Agostinho, a providência é uma verdade tão evidente quanto a criação. Deus é Aquele Pai que provê com amor tudo quanto seus filhos e filhas necessitam.

Assim se expressa o Bispo de Hipona acerca da providência:

Toda a criação é governada pelo seu criador, do qual, por meio do qual e no qual foi criada e organizada. Consequentemente, a vontade de Deus é a causa primeira e suprema de todas as formas e dos movimentos sensíveis. De fato, nada de visível e sensível acontece sem que das profundezas do seu palácio invisível e inteligível o Supremo Soberano haja comandado e permitido, em conformidade com a inefável repartição dos prêmios e dos castigos, das graças e das recompensas, neste vastíssimo e imenso estado que é a criação (AGOSTINHO apud MONDIN, 1997, p. 368).

2.2 *Progresso*

A ideia de providência é substituída, na modernidade, pelo conceito de progresso, que se solidificou, sobretudo, com as revoluções a partir do século XV. De acordo com Gastaldi (Cf. GASTALDI, 1997, p. 13-16), a revolução científico-técnica, é talvez a que mais alterou a autoimagem do homem. Com efeito, o homem primitivo não conhecia os processos que regiam as leis da natureza, mas dependendo delas e dos seus ciclos, pensavam que forças superiores manipulavam diretamente os fenômenos cósmicos. Mas, no final da Idade Média o contexto começou a mudar, e o primeiro passo para a modernidade foi dado pelo franciscano Guilherme de Ockham, de temperamento pragmático e positivo, que criou uma desconfiança profunda em relação às verdades filosóficas e deu uma orientação prática e científica para o conhecimento.

A revolução copernicana, influência que os empreendimentos científicos do século XVII e início do século XVIII tiveram sobre as novas ideias, serviu para alimentar ainda mais a esperança de um progresso que seria construído exclusivamente pelo homem. A astronomia e a física, de Galileu Galilei e Isaac Newton, levaram a humanidade a conceber o universo como natureza, ou seja, como

realidade dinâmica, regida por leis gerais que a razão sempre poderia conhecer. A constatação que Galileu realizou, através do telescópio, provou a veracidade da teoria do sistema heliocêntrico em detrimento do sistema geocêntrico, dando aos homens a certeza de que eles possuíam a capacidade de conhecer a realidade dos fenômenos naturais tal como é e dominá-la.

A revolução Industrial, cujo objetivo é produzir sempre mais, substituindo o homem pela máquina, decorreu-se por consequência desta revolução científico-técnica. Essas revoluções foram promovidas em grande escala pela revolução cultural, esta por sua vez proveniente do Iluminismo.

No campo político deu-se o fenômeno da revolução democrática, fruto da ânsia de liberdade, da vontade emancipadora e da afirmação crescente dos direitos humanos. O grito de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, expressa bem a ideologia desse período. É, portanto, com tais revoluções que foi solidificada a ideia de progresso. Mas não se pode falar de progresso sem falar do Iluminismo. Reale traça algumas características principais desse movimento:

A razão dos iluministas se explica como defesa do conhecimento científico e da técnica enquanto instrumento de transformação do mundo e de melhoria progressiva das condições espirituais e materiais da humanidade; como tolerância ética e religiosa; como defesa dos inalienáveis direitos naturais do homem e do cidadão; como rejeição dos dogmáticos sistemas metafísicos factualmente incontroláveis; como crítica daquelas superstições que seriam constituídas pelas religiões positivistas e como defesa do deísmo (mas também do materialismo); como luta contra os privilégios e a tirania. (REALE, 1990, p. 670).

Com o iluminismo a ideia de progresso é fundamentada e solidificada, gerando a expectativa de uma humanidade emancipada. Contudo, para que a humanidade chegasse a tal objetivo, se faria necessário romper com as barreiras que impediam o homem de contemplar o verdadeiro rosto da realidade. Essas barreiras foram compreendidas, sobretudo, como trevas, herança da Idade Medieval. É preciso, portanto, iluminar, pôr luz para que as trevas se dissipem.

Pode-se, por conseguinte, entender trevas como ignorância, e por isso era necessário desmistificar a realidade, desmascarar os mitos, formando consciências esclarecidas, sobretudo em relação aos direitos naturais que possibilitam ao homem desenvolver suas potencialidades e viver com dignidade. Nesse contexto a razão é

exaltada como deusa, caminho seguro para a humanidade atingir sua emancipação. Por isso a educação será prioridade para os pensadores iluministas.

Todavia, todo o otimismo iluminista é abalado com as grandes catástrofes do século XX: as duas grandes guerras a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, o holocausto promovido pela Alemanha nazista, o buraco na camada de ozônio, entre outros impactos que prejudicaram a humanidade. É neste cenário de decepção com a razão, de revolução nos meios de informação e comunicação, de revolução pós-industrial, que o homem pós-moderno é gestado e que o niilismo encontra espaço.

Há quem suspeite também que o Iluminismo desde o princípio já estava estruturado a conduzir a humanidade, em nome da sua emancipação, à sua subjugação. Harvey faz uma análise do pensamento Iluminista e consta que este:

Internalizava uma imensa gama de problemas e não possuía poucas contradições incômodas [...]. A questão da relação entre meios e fins era onipresente, enquanto os alvos em si nunca podiam ser especificados precisamente exceto em termos de algum plano utópico que com frequência parecia tão opressor para alguns quanto emancipadora para outros (HARVEY, 2002, p. 24).

Se a ideia de progresso já estava predestinada a nos levar ao absurdo de Hiroshima, Nagasaki e Auschwitz, é ainda uma questão crucial a ser analisada o mal dialético da Modernidade. No entanto, na segunda metade do século XX, a humanidade contemplou a explosão das novas tecnologias de informação e de comunicação, que quer dizer esperança pela solução das crises contemporâneas (LYON, 1998 p. 14).

2.3 Nietzsche: progenitor da ideia pós-moderna (LYON, 1998, p. 17)

Para compreendermos o pensamento pós-moderno, precisamos retroceder no tempo e interrogar os progenitores dessa ideia. De acordo com Lyon (LYON, 1998, p. 17-18), o mais representativo deles é o filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Nietzsche se considerou o homem do destino, sobre isso assim se expressando:

Eu conheço minha sorte. Um dia meu nome irá ligado à recordação de uma crise como nunca houve outra semelhante na terra, ao mais profundo conflito

de consciência, à decisão proclamada contra tudo que até então fora criado, exigido e consagrado. Não sou homem, sou dinamite [...]. Contradigo como nunca foi contradito e, apesar disso, sou a antítese de espírito negador [...]. Com efeito, se a verdade entra em luta com a mentira de milênios, teremos tais abalos e tais convulsões de terremotos que nunca antes haviam sido sequer sonhados (REALE, 1991, p. 421).

2.4 *Nihilismo*

Nietzsche se tornou notável ao declarar a morte de Deus (LYON, 1998, p. 18), mas é importante demonstrar que essa afirmação não se trata apenas da perda de fundamentos filosóficos, mas significa, sobretudo, que não podemos mais ter certeza de nada. No célebre parágrafo de *A Gaia Ciência*, Nietzsche indaga o homem moderno:

[...] por acaso estamos vagando por um infinito nada? [...] Deus morreu! Deus está morto! E nós é que o matamos! Como poderemos ser consolados, nós os maiores assassinos?! Tudo o que havia de mais sagrado e de mais poderoso no mundo esvai-se em sangue sob o peso do nosso punhal; quem nos purificará desse sangue? Qual a água capaz de nos limpar? (NIETZSCHE apud MONDIN, 1997, p. 148).

A morte de Deus, nesse contexto de ruptura era a ideia que mais se aproximava da realidade pós-moderna, representado pelo nihilismo, enquanto ideia que se contrapõe à ideia de progresso. De acordo com Lyon (LYON, 1998, p. 18), um dos temas básicos do debate pós-moderno gira em torno da realidade, da falta de realidade ou, por outro lado, da multiplicidade de realidades. Assim, o nihilismo é o conceito nietzschiano que mais de perto corresponde a este sentido de realidade fluida e oscilante. Quando a irrequieta atitude de dúvida da razão moderna se volta para a razão em si, o resultado é o nihilismo.

Nihilismo, em sentido amplo, pode ser definido como a ausência total de sentido, sobre o qual o próprio Nietzsche assim se expressa: “O mundo não tem sentido: eu encontrei em todas as coisas esta certeza feliz: elas preferem dançar com os pés do acaso” (NIETZSCHE apud REALE, 1991, p. 435).

Nihilismo segundo Nietzsche (NIETZSCHE, 1991, p. 160-161), como estado psicológico ocorrerá, primeiramente, quando se buscar um sentido que não existe em todas as vicissitudes da vida, de modo que aquele que procura cai em um profundo desânimo. Este sentido poderia ser a realização ou o fortalecimento de um valor moral, como: fidelidade, felicidade, entre outros.

Em segundo lugar ocorrerá quando se colocar uma totalidade, uma sistematização, ou mesmo uma organização, em todo acontecer e debaixo de todo acontecer. O homem se submete a um ser sobrenatural absoluto, contudo, esse ser divino não existe. Na verdade, isso significa que o homem perdeu o sentido do seu valor, uma vez que para acreditar em si mesmo necessitou de um ser absoluto que era a causa dos seus valores mais caros.

A terceira forma de niilismo acontece quando há a rejeição de uma dimensão metafísica, uma vez que por necessidades psicológicas esse mundo foi montado e continuar com ele seria tanto permanecer na ignorância, como também uma rejeição ao verdadeiro mundo que, na perspectiva nietzschiana, é a realidade. Deve-se também rejeitar todo caminho dissimulado que leve a realidades sobrenaturais pois, segundo Nietzsche, aqueles que pregam tais realidades propagam também a morte, até porque todos os deuses estão mortos, de acordo com essa filosofia. Em suma, o sentimento de falta de valor é alcançado quando o homem não utiliza os conceitos tradicionais de fim, de unidade e de verdade para interpretar a existência humana na sua totalidade.

2.5 Pós-modernidade: uma realidade fragmentada

De acordo com Gastaldi (1997, p. 20), filosoficamente a pós-modernidade depende do vitalismo que pôs em crise a razão humana, ao qual rendia culto exagerado. Como consequência dessa crise, o homem pós-moderno rejeita a razão, no que se refere a utilização da mesma para solidificar e para fundamentar os acontecimentos da realidade, uma vez que o sujeito pós-moderno não encontra sentido nem na metafísica e nem na filosofia.

Nessa perspectiva, a razão torna-se instrumental, utilizada somente para a tecnocracia, a produção e o consumo. Assim, nos afirma ainda Gastaldi que há uma dissolução do sentido da história, pois o homem pós-moderno não acredita em uma unidade histórica: para eles existe apenas histórias fragmentadas. Frente a isso, não vale a pena fazer memória do passado, pois isso significaria mergulhar em uma história trágica e absurda. Com efeito, entramos num novo modo de sentir e experimentar a vida, sem memória, sem continuidade histórica, nem futuro. O pós-moderno tem gosto pelo que é caótico, fragmentário, fugidio.

O homem pós-moderno é o homem dionisiaco de Nietzsche, o homem do prazer, pois a sociedade pós-moderna é hedonista, busca o prazer sem limites. O importante é experimentar sensações prazerosas, transitando nas diversas possibilidades de vivenciar o prazer, tudo isso feito sem nenhum compromisso, constrangimento ou sentimento de culpa, uma vez que os valores éticos tradicionais, como: fidelidade, respeito, sacrifício, compromisso entre outros, perderam seu sentido na pós-modernidade.

Dentre suas diversas faces, o pós-moderno relaciona-se também com a crise de valores. Na sociedade moderna há uma alteração na escala dos valores, uma vez que uma das principais características desse período é o rompimento com tudo aquilo que é tradicional.

A revolução juvenil de 1968, dentre outras coisas evidenciou o homem dionisiaco. A juventude desiludida com os sistemas totalitários, aguçada também por uma ânsia de liberdade, reivindicava uma nova sociedade, na qual deveria acontecer mudanças tanto no setor político e econômico, como no aspecto cultural e existencial.

Gastaldi elenca as principais características da pós-modernidade (GASTALD, 1997, p. 30), de acordo com ele mesmo, a saber: desconfiança da razão e desencanto frente aos ideais não realizados pela modernidade; desaparecimento de dogmas e princípios fixos: agnosticismo, pluralidade de verdades, subjetivismo; abolição dos grandes relatos e fragmentação das cosmovisões; dissolução do sentido da história; crise aguda da ética: individualismo (narcisismo), hedonismo, flexibilidade de costumes, permissividade; ateísmo prático e fragmentação religiosa.

Segundo Baudrillard (apud HRYNIEWICZ, 1999, p. 517), em sua obra: *A Transparência do Mal*, vivemos em uma época de “pós-orgia”. A era da orgia teria sido o momento da modernidade em que ocorreu a liberação generalizada da política, do sexo, de expressão. Frente a isso, a grande questão é: o que fazer depois da orgia? Para onde o ritmo pós-moderno está conduzindo a humanidade?

Vattimo propõe, como caminho para a emancipação da humanidade, a criação de uma ética que esteja sob o signo da compaixão. (Cf. VATTIMO apud GASTALD, 1994, p. 25).

3 Consumismo: uma possibilidade de compreensão do fenômeno pós-moderno

3.1 Pós-Industrialismo

Os primeiros sinais de que um novo tipo de sociedade estava surgindo provém de Daniel Bell (LYON, 1998, p. 59). Embora não tenha sido ele a primeiro utilizar tal termo, foi quem o popularizou. O pós-industrialismo, segundo Bell, seria a nova condição de uma sociedade da informação, na qual o operário será substituído pela nova elite profissional e técnica.

Pode-se, de fato, confirmar na realidade atual a transformação no setor industrial. A comunicação via satélite, a utilização da informática no setor de produção e serviço, a internet e a telefonia como meios de comunicação de alcance planetário, assim como as revoluções no mundo cultural, da política e da economia, foram fatores determinantes que ajudaram a preparar o terreno pós-moderno. Contudo, as novas tecnologias da informação e comunicação, não produzem, apenas por si mesmas, a sociedade pós-industrial e menos ainda a pós-moderna, mas quer significar esperança pela solução das crises contemporâneas. Destarte, uma das características fundamentais da modernidade é a habilidade de se adaptar, de encontrar novos modos de produzir e, neste sentido, está aberta a possibilidade, no que se refere à modernidade, em relação às novas tecnologias de informação e comunicação, de pensar tal sociedade como uma modernidade renovada.

Para Lyon (1998, p. 59) se aderimos às proposições do Iluminismo relativas à razão, agora codificadas digitalmente, o progresso ainda é possível. Todavia ele (LYON, 1998, p. 83) adverte para a certeza de que as novas tecnologias de informação e comunicação, estão profundamente envolvidas nas transformações contemporâneas do mundo. Sem elas, a atual existência do consumismo e das culturas de consumo seria impossível, visto que as empresas na área de comunicação, atualmente, formam grandes blocos econômicos. É o que diz o jornalista e sociólogo Ricardo Mendes:

O mundo hoje, na verdade, possui grandes empresas de comunicação, blocos econômicos na área de comunicação. Não temos mais pequenos grupos, uma pluralidade de opiniões, como já ocorreu no passado. Sobretudo depois da globalização, temos aí a formação de blocos econômicos,

multinacionais, se aglutinando e formando grandes grupos na área de entretenimento e comunicação. Por exemplo, a América on Line (AOL) faz parte de um grupo que é o mesmo grupo de uma grande revista e é o mesmo grupo de uma grande empresa de telecomunicação. Aqui no Brasil a gente tem a Rede Globo, que é a maior empresa; em São Paulo o Grupo Folha. (MENDES, 2003. p. 8).

O operário, na revolução, industrial, considerado um elemento essencial para o funcionamento das máquinas e conseqüentemente da produção, na realidade pós-industrial é totalmente desvalorizado, uma vez que a tecnologia, através da cibernética proclamou a independência das máquinas e a substituição do homem pela mesma. Sendo o homem substituído pela máquina e tendo essa uma maior capacidade de produzir bens de consumo, é lógico concluir que o capitalismo gera uma sociedade de consumidores alienados, isto é, de pessoas que consomem além do necessário, uma vez que a lógica do regime do capital é o lucro. Nesse contexto, Marx constatou o paradoxo do sistema econômico vigente de sua época, a saber, o capitalismo em ascensão industrial, através do que ele denominou como alienação do trabalho, que consiste em:

Quanto mais o operário produz, menos tem para consumir; quanto mais valor produz menos valor e menor dignidade possui; quanto mais belo é o produto, tanto mais disforme torna-se o operário [...]; quanto mais espiritual é o seu trabalho, mais ele se torna material e escravo da natureza (REALE, 1991, p. 194).

Acerca do capitalismo, de acordo Lyon (1998, p. 19), as pessoas permitem que o mercado organize a sua vida, incluindo nossa vida interior. Equacionando tudo com seu valor de mercado, comercializando, acabamos buscando respostas sobre o que tem valor, honra e até mesmo realidade, no mercado público

A posição antes mantida pelo trabalho, no capitalismo moderno, agora é assumida pela liberdade do consumidor atrelada ao mercado de consumo. Questões de controle, o direito de autogerir, são deslocadas da fábrica para a loja. Consumir não trabalhar, se torna o eixo em torno do qual o mundo da vida gira. O prazer, uma vez visto como o inimigo da industriabilidade capitalista, agora desempenha função indispensável (LYON, 1998, p. 101).

3.2 Sintomas do pós-modernismo na cultura do consumidor

3.2.1 A produção do desejo na cultura de consumo globalizada

As novas linguagens da TV e dos meios de comunicação eletrônicos são fatores determinantes na produção do desejo em tal cultura. De acordo com Lyon (1998, p. 87), podemos observar em primeiro lugar que o consumo possui foco na produção de necessidades e de desejos. Tudo é mercantilizado e esse processo é constantemente reforçado pelos anúncios de TV.

Para entender melhor a produção de desejos, necessário se faz, compreender, em linhas gerais, o processo de globalização. Entende-se por globalização o processo de interligação política e cultural que surgiu a partir de 1980, tendo como fatores determinantes o crescimento econômico dos principais centros capitalistas e a revolução tecnológica nos meios de informação e comunicação.

Segundo Chiavacci (2001, p. 45-49), a globalização é uma realidade que favorece a formação de uma cultura de consumo, uma vez que, entre outras coisas, significa o anulamento de todas as outras culturas para dar lugar à cultura ocidental ou precisamente a cultura das grandes potências do mundo.

Em um mundo globalizado e consumista - como o contemporâneo - a hegemonia de produtos para serem consumidos é posto sutilmente para toda a sociedade que vê em tais produtos algo bom e que dá sentido à vida.

De acordo com Lyon

As rodas do sistema são movimentadas pelo consumo; viciados em cartões de crédito são uma ajuda. E no nível social, a pressão para gastar vem da rivalidade simbólica e da necessidade de construir nosso eu (imagem) através da aquisição do distinto e do diferente. A coerção pode ser suplantada com segurança; como Pierre Bourdieu diz sedução assume seu papel como meio de controle e de integração social. (Um anúncio numa loja no centro de Kingston nos convida a 'entrar pelo simples prazer de entrar' (LYON, 1998, p. 101).

3.2.2 A cidade como centro de consumo

Para Lyon, a cidade passando por um processo de desindustrialização transforma-se em centros de consumo, isto é, se na revolução industrial as cidades

foram invadidas pelas fábricas, no pós-industrialismo, as cidades são invadidas pelas lojas, áreas de lazer, entre outros (LYON, 1998, p. 90-93).

Nos megacentros comerciais o fator crucial é o investimento na imagem, fator determinante para o sucesso da cidade; visto que as cidades são também locais onde estão em evidência imagens sociais, em que os anúncios e as promoções são mais intensos e o consumo é mais significativo. “Disneylândia é a utopia arquitetônica popular. A faixa de asfalto, ladeada por sinais brilhantes de neon, seduz aos prazeres do consumo” (LYON, 1998, p. 91).

3.2.3 *O consumo ultrapassa os limites do mercado*

O consumo não conhece limites. Ele influencia não só à vida do consumidor, no que se refere ao mercado, mas invade outros aspectos da vida humana, como a religião, a ciência, os relacionamentos. Invasão essa que se dá de maneira fragmentada, em que o conceito de verdade é eliminado. Nesse contexto os intelectuais são rebaixados de tarefas legislativas para interpretativas, pois à medida que o seminário, e não a palestra, se torna o novo meio de intercâmbio acadêmico, valores e crenças perdem qualquer sentido de coerência. Isso tudo sem mencionar o de continuidade no mundo de escolha do consumidor, de mídia múltipla e de pós-modernidade globalizada.

Considerações Finais

David Lyon é professor na Queen’s University Kingston, no Canadá. Ele ensina e pesquisa principalmente na área de teoria social e dos aspectos sociais das novas tecnologias. Seus vários livros foram traduzidos em diversos idiomas.

Lyon pensa a realidade pós-moderna, a partir de uma perspectiva social. Todavia, sua proposição é de que pós-modernidade envolve tanto mudanças culturais como sociais, daí reside a importância de aprofundar essa ideia. Tendo como referência a revolução tecnológica nos meios de informação e de comunicação, que aconteceu na segunda metade do século XX, para Lyon o importante é compreender o que está acontecendo, e não simplesmente adotar um conceito e utilizá-lo para captar o que acontece de modo dissociado da realidade. Porém, ele está consciente

de que no momento o que se pode é apenas identificar os afluentes que deságuam no rio pós-moderno, sem, contudo, analisá-lo exaustivamente, muito menos abrandar, o rio em si. Entretanto, é necessário identificar esses afluentes, a fim de que se tenha não apenas consciência, mas também capacidade para intervir de maneira crítica, na história em curso.

Lyon não apenas identifica os afluentes que deságuam no rio pós-moderno, mas dá um nome específico ao que ele considera sua característica principal, o consumismo, cuja existência depende exclusivamente da revolução tecnológica nos meios de comunicação e informação. Porém, Lyon concorda que é difícil encontrar marcos limítrofes culturais claros atualmente. O surgimento do consumismo e da TV acelerou a implosão da realidade, obscurecendo distinções anteriormente existentes.

Nesse contexto, a realidade se torna mais confusa, de modo que é fácil percebemos uma fragmentação (perda de fundamento), na arte, na política, na ciência, na filosofia e na escala de valores, fruto de um desencanto com a razão, que a modernidade, sobretudo, com o Iluminismo, alimentou a esperança de uma humanidade emancipada. Todavia, na pós-modernidade rejeita-se olhar para o passado, porque o que contempla é exatamente tristeza e morte. Embora a ciência tenha trazido benefícios, mas esses, dificilmente são contemplados, uma vez que apenas uma minoria participa dos benefícios da ciência

Temos, portanto, na pós-modernidade, uma humanidade caótica, que rejeita a metafísica e os valores éticos tradicionais, como consequência do desencanto com razão que conduziria a humanidade à sua emancipação. Como sabemos, tal promessa não foi cumprida.

Essa humanidade rejeita todo e qualquer fundamento, mas continua sua busca a tão sonhada emancipação. Contudo, a alienação e o consumismo são realidades contemporâneas globais, uma vez que o que move o mundo é a economia neoliberal.

Referências

CHIAVACCI, Enrico. **Ética Social**. O que é, Como se Faz. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

GASTALDI, Italo. **Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1997.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Editora Loyola, 1992.

HRYNIEWICZ, Severo. **Para Filosofar Hoje**. Rio de Janeiro –Edição do Autor, 2000.

LYON, David. **Pós-Modernidade**. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus?** Elementos de Teologia Filosófica. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre o Niilismo e o Eterno Retorno**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

MENDES, Ricardo. É Hora de Produzir Comunicação. **Revista Mundo Jovem**. Porto Alegre, ano 41, n. 342, p.8, nov. 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Editora Paulus, 1991.

Artigo recebido em: 11/05/2021.
Artigo aprovado em: 02/06/2021.